



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

REGIANE CALDEIRA DOS SANTOS

**A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE TUCUMANDEUA EM BUSCA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

**TOMÉ-AÇU
2024**

REGIANE CALDEIRA DOS SANTOS

**A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE TUCUMANDEUA EM BUSCA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, curso de Pedagogia, do *Campus* Universitário de Abaetetuba, Polo de Tomé-Açu, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals e Souza.

**TOMÉ-AÇU
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

S237t Santos, Regiane Caldeira dos.
A trajetória de vida de uma mulher da comunidade
quilombola de tucumandeuá em busca da formação
acadêmica / Regiane Caldeira dos Santos. — 2019.
XLIV, 44 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals E Souza
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba,
Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2019.

1. Formação Acadêmica. 2. Narrativa Autobiográfica.
3. Educação Quilombola. 4. Comunidade Quilombola
Tucumandeuá. I. Título.

CDD 370

REGIANE CALDEIRA DOS SANTOS

**A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE TUCUMANDEUA EM BUSCA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, curso de Pedagogia, do *Campus* Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Data da defesa: ____ de julho de 2024.

Conceito: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals e Souza
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dra. Mariza Fellipe Assunção
Universidade Federal do Pará – UFPA

A elaboração deste trabalho, com a abordagem empregada, assim como muitas experiências, histórias e conquistas (pessoais, partilhadas e acadêmicas) da jornada até aqui, não seriam possíveis sem a minha família e comunidade quilombola de Tucumandeuá. Por isso, dedico este trabalho, especialmente, ao **Quilombo Tucumandeuá**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais e irmãos, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam minha ausência enquanto eu me dedicava a realização deste trabalho.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de formação profissional.

Ao professor Alexandre Augusto Cals e Souza, orientador deste Trabalho de Conclusão de Curso, que tornou-se um dos importantes personagens e contribuintes da história de minha vida acadêmica e profissional direcionando o desenvolvimento e defesa deste trabalho.

Aos membros da Comunidade Quilombola de Tucumandeua, que já contribuíam com a minha vida pessoal, sonhos, personalidade e com outras tantas áreas e ocasiões. E neste período de busca pela formação acadêmica participaram significativamente, fazendo-se presentes em entrevistas, respostas a questionários e compartilhamento geral de nossa cultura, história, desafios e defesas.

Muito obrigada!

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.”

(Paulo Freire)

RESUMO

A ideia de que a formação humana é um processo contínuo, conduz estudos e atuações de diversas áreas, junto a seus atuantes e instituições. Analogamente, este trabalho foi inicialmente inspirado nessa consideração, visto que a formação acadêmica, esteve interpretada como parte do desenvolvimento humano e por isso é abordada neste trabalho sendo uma etapa e/ou busca contínua, iniciando na infância, e perdurando até a fase adulta. Dessa forma, o presente trabalho trata-se de uma narrativa autobiográfica, de uma mulher pertencente ao Quilombo Tucumandeuá, norteadas pelo questionamento de: como se dar a trajetória de formação acadêmica de uma mulher pertencente a uma Comunidade Quilombola? Para tanto, utilizou-se aportes de coletas autobiográfica, bibliográficas e de campo, com o objetivo fundamental de refletir sobre a importância da Educação Quilombola e os desafios propostos aos quilombolas para alcançarem todos os níveis da educação brasileira. Entre os autores do referencial teórico destaca-se: Brasil (2013; 2017), ECQ (2023) e Soares (2001). Em apresentação preliminar dos resultados, verificou-se que os membros da Comunidade Quilombola Tucumandeuá vivenciam dificuldades semelhantes, relacionadas a transporte, à infraestrutura, e ao ensejo de investimentos em Educação, como o restabelecimento de uma escola na Comunidade Tucumandeuá. Concluindo-se que embora a formação acadêmica seja repleta de desafios, para alguns grupos, apontados como “minorias” essas buscas são ainda mais desafiadoras.

Palavras-Chave: Formação Acadêmica. Narrativa Autobiográfica. Educação Quilombola. Comunidade Quilombola Tucumandeuá.

ABSTRACT

The idea that human formation is a continuous process raises studies and actions in different areas, together with its actors and institutions. Likewise, this work was initially inspired by this consideration, since academic training was interpreted as part of human development and, therefore, is approached in this work as a stage and/or continuous search, starting in childhood and lasting until adulthood. Thus, the present work is an autobiographical narrative, of a woman belonging to Quilombo Tucumandeuá, guided by the question of: what is the academic training trajectory of a woman belonging to a Quilombola Community? To this end, contributions from autobiographical, bibliographical and field collections were used, with the fundamental objective of reflecting on the importance of Quilombola Education and the challenges proposed to quilombolas to reach all levels of Brazilian education. Among the authors of the theoretical framework, the following stand out: Brasil (2013; 2017), ECQ (2023) and Soares (2001). In a preliminary presentation of the results, it was found that members of the Quilombola Community of Tucumandeuá experience similar difficulties, related to transportation, infrastructure and investment opportunities in Education, such as the reestablishment of a school in the Community of Tucumandeuá. In conclusion, although academic training is full of challenges, for some groups, called “minorities”, these searches are even more challenging.

Keywords: Academic Training. Autobiographical Narrative. Quilombola Education. Tucumandeuá Quilombola Community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Igreja Nova Regeneração.....	20
Figura 2 – Plantio de cacau	22
Figura 3 – “Casa de farinha”	23
Figura 4 – EscolaNova Regeneração.....	31
Figura 5 – Polo universitário da UFPA em Tomé-Açu	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Faixas Etárias	26
Quadro 2 – Grau de escolaridade.....	27
Quadro 3 – Tempo de moradia.....	27
Quadro 4 – Atividades da Comunidade.....	27
Quadro 5 – Conhecimento sobre formação universitária de membros da Comunidade	28
Quadro 6 – Desafios estudantis.....	28
Quadro 7 – Opiniões sobre Educação.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Constituição Federal de 1988 (CF/88)

Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ)

Ensino Médio (EM)

Estudo de Componente Quilombola (ECQ)

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)

Pará (PA)

Processo Seletivo Especial (PSE)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISANDO A MINHA HISTÓRIA: AS COMUNIDADES, A RESISTÊNCIA, OS DIREITOS, A EDUCAÇÃO E A CULTURA DOS QUILOMBOLAS.....	17
2.1 As Comunidades Quilombolas: significações, Educação e direitos.....	17
2.1.1 Comunidade Quilombola Tucumandeua – A minha comunidade.....	20
3 VOZES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TUCUMANDEUA	27
4 MINHA HISTÓRIA: EM BUSCA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA	31
4.1 A minha história a partir da aprovação no PSE - Quilombolas	35
5 CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a respeito da importância da educação quilombola, a partir de uma narrativa autobiográfica¹, de uma mulher, negra, profissional autônoma, universitária, pertencente ao quilombo denominado de “Tucumandeuá”, situado no ramal Tucumandeuá, no km 42 da Rodovia PA-140, no Município de Tomé-Açu, do Estado do Pará.

Destarte, o **Objetivo Geral** do trabalho é refletir sobre a importância da Educação Quilombola e os desafios propostos aos quilombolas para alcançarem todos os níveis da educação brasileira.

Já os **Objetivos Específicos** foram definidos em: apresentar os desafios enfrentados na trajetória de vida da mulher quilombola; discutir a resistência na formação acadêmica da mulher quilombola e analisar o processo de nucleação das escolas quilombolas.

As buscas iniciais da pesquisa, resultaram-se em inúmeros questionamentos, que foram surgindo durante a realização de investigações bibliográficas para a apresentação do Referencial Teórico, e durante a escrita do material em exposição, como os seguintes: Qual a importância da Educação Quilombola? Porque a Educação e os contextos dos quilombolas devem ser conhecidos/sabidos pela sociedade? Por que alguns grupos são considerados como minorias? O que é formação acadêmica?

Em apreciação preliminar a essa problematização, é importante ressaltar que as minorias sociais correspondem exatamente como a maior parte e os maiores representantes da sociedade, de modo quantitativo, as minorias correspondem a maioria em números da população e sociedade, são minorias em significações qualitativas, pois, são “grupos sociais historicamente excluídos do processo de garantia dos direitos básicos por questões étnicas, de origem, por questões financeiras e por questões de gênero e sexualidade”, portanto, a pesquisa trata de grupos conhecidos como minoritários, mas, que possuem representatividade significativa na sociedade (Porfírio, 2023, p. 1).

Neste trabalho considerou-se a formação acadêmica como um processo contínuo, dessa forma, minha trajetória estudantil e/ou acadêmica, inicia-se na

¹ Que diz respeito a autobiografia, dessa forma, conforme Cunha (2016, p. 98) a autobiografia “[...] consiste na ação de escrever (grafar) a narrativa de sua própria história de vida [...]”.

Escola Municipal Nova Regeneração da Comunidade Quilombola de Tucumandeua, prosseguindo-se em outras escolas, chegando-se ao Ensino Superior na Universidade Federal do Pará (UFPA), nível de formação ao qual ainda não é o último, pois almeja-se a formação continuada.

Enquanto que a minha formação educacional também inicia-se na Comunidade de Tucumandeua, mas, vai além dos limites físicos e educacionais das escolas, essa é originada em minhas experiências como neta de quilombolas, moradora de uma comunidade remanescente, defensora de um contexto histórico, cultural e comunitário quilombola.

Assim sendo, essas análises e reflexões foram fundamentais para a produção do conteúdo apresentado, para a formulação de objetivos e definição da pergunta/problema de pesquisa, destacada a seguir: **Como se dar a trajetória de formação acadêmica de uma mulher pertencente a uma Comunidade Quilombola?**

Mediante ao exposto, o trabalho realizado, propôs a reflexão sobre a importância da Educação Quilombola e os desafios propostos aos quilombolas para galgarem todos os níveis da Educação brasileira. Desse modo, foi realizado um apanhado dos direitos definidos em lei à Educação Quilombola, e a análise da trajetória no processo de formação acadêmica de uma quilombola da Comunidade Tucumandeua, situada no município de Tomé-Açu.

Diante disso, ressalta-se que: embora este trabalho trate-se de uma trajetória, com vivências pessoais, são abordadas temáticas e defesas de interesses, com abrangências sociais amplas, tratando-se de demandas e temáticas de Gênero, “Raça” e Educação, sendo, portanto, rico em temáticas de relevância social. Visto que a trajetória acadêmica é repleta de desafios e para mulheres negras, a formação acadêmica “é marcada pela superação de preconceitos”. (Fraga, 2023, p. 1).

O percurso de formação acadêmica, impulsionou conhecimentos, vivências práticas e análises dos desafios presentes nos processos de aprendizagem, formação e desenvolvimento humano, mediante este apoio, o conteúdo em apresentação foi fruto de considerações e experiências que indicam a existência de fatores e questões que atuam de forma positiva ou negativa nos andamentos de aprendizagem e formação humana que embora sejam vivenciados diferentemente por cada indivíduo na sociedade, possuem dinâmicas e realidades que assumem extensões grupais, coletivas e sociais.

As escolhas temáticas se justificam ainda, pela necessidade de se contextualizar a educação quilombola nos dias atuais e analisar a implantação de políticas públicas no âmbito educacional que facilitam o acesso e a permanência dos alunos quilombolas no sistema de ensino na Educação Básica e o acesso ao Ensino Superior.

Dessa forma, um dos passos fundamentais do trabalho é a narrativa da minha trajetória educacional, desde a Educação Infantil até o nível Superior, onde são descritos os desafios enfrentados, enquanto descendente e moradora do Quilombo Tucumandeuá, localizado no Município de Tomé-Açu/ PA.

Para tanto, foi necessário fundamentar memórias e vivências com pesquisas bibliográficas e com a pesquisa de campo na Comunidade, que elucidaram as questões em foco e a autobiografia. Assim, a metodologia utilizada para a estruturação do trabalho é de cunho qualitativo, conforme o que é indicado por Severino (2016).

E utilizou-se como instrumentos de coleta de dados: pesquisas bibliográficas e as “histórias de vida” que de acordo com Souza (2006, p. 262) é uma das formas de mediar estratégias que permitam ao professor “tomar consciência de suas responsabilidades pelo processo de sua formação, através da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida”.

A demonstração, análises e resultados da pesquisa se dividiu em três partes: a primeira parte é constituída de investigação sobre as Comunidades Quilombolas e a Educação Quilombola, tratando-se do **Capítulo 2** deste trabalho, com o título: **Revisando a minha história: as comunidades, a resistência, os direitos, a educação e a cultura dos quilombolas.**

A segunda foi a exposição de dados de pesquisas e entrevistas com integrantes da Comunidade Tucumandeuá, com foco nos desafios enfrentados pelos moradores do Quilombo Tucumandeuá, para frequentarem a escola. **O Capítulo 3: Vozes da Comunidade Quilombola Tucumandeuá.**

E a terceira parte foi constituída pela organização do relato de minha vida estudantil, o **Capítulo 4: Minha história: em busca da formação acadêmica.**

Os resultados da pesquisa foram organizados nos escritos deste trabalho, sendo divididos em capítulos e subcapítulos. Com essas observações, dar-se prosseguimento aos assuntos e problemáticas de interesses grupais e sociais, com a exposição dos próximos capítulos deste trabalho, recorrendo-se às pesquisas

bibliográfica, de campo e a uma narrativa/relato de experiências, vivências e desafios reais e pessoais dados no decorrer da busca da formação acadêmica.

2 REVISANDO A MINHA HISTÓRIA: AS COMUNIDADES, A RESISTÊNCIA, OS DIREITOS, A EDUCAÇÃO E A CULTURA DOS QUILOMBOLAS

Este capítulo proporciona uma apresentação, revisão ou revisitação à história das comunidades e dos povos quilombolas a partir de recortes de referenciais bibliográficos pertinentes ao assunto em questão. E de pesquisas de campo na Comunidade Quilombola de Tucumandeua, localizada no município de Tomé-Açu

Dessa maneira, os escritos abordam acerca da (minha) história, do (meu) povo, da (minha) cultura e dos desafios (também meus) dos quilombolas, aos quais respeito, pertencço, compartilho e intervenho.

2.1 As Comunidades Quilombolas: significações, Educação e direitos

As terras das Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ) são espaços procedentes de lutas e resistências à escravidão no Brasil, com marcas históricas de injustiças, violências e opressões que infelizmente continuam em realidades socioculturais brasileiras (Silva, 2020). Em resumo:

Os quilombos eram locais onde os escravos fugidos poderiam desenvolver uma vida em liberdade, buscando meios para garantir a própria sobrevivência, estabelecendo laços comerciais com moradores próximos, instigando outros escravos a fugirem e procurando, muitas vezes, reconstruir um estilo de vida parecido com o que possuíam [...]. (SILVA, 2024, p. 1).

Dessa forma, a permanência dessas comunidades remanescentes e as garantias de seus direitos que foram conquistados em meio a tantos desafios ainda demandam resistências e ações como: o fortalecimento cultural, social, educacional e profissional. Visto que:

Esses locais ainda existem no século XXI, mas, atualmente, o seu entendimento é diferente. Os **quilombos atuais são comunidades formadas por descendentes de escravos quilombolas** que procuram manter suas tradições e culturas vivas, ao mesmo tempo em que lutam pelo acesso à terra e buscam desenvolver um estilo de vida sustentável. (SILVA, 2024, p. 1).

Outros termos utilizados e com significados relacionados a palavra Quilombo são: “Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre, entre outros.” (Brasil, 2017, p. 4).

Nas comunidades étnicas, a maioria dos residentes quilombolas são negros e vivem no meio rural ou urbano e “se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias.” (Brasil, 2020, p. 1).

Dessa forma, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) explana que:

Ser membro de um grupo étnico é se submeter a uma série de regras sociais estabelecidas pela tradição e perpetuadas geração após geração. E isso ocorre, a despeito das pessoas manterem sua autonomia enquanto indivíduo e dessas regras tradicionais se alterarem ao longo do tempo. Ou seja, tradição não é submissão e nem estagnação absoluta. (Brasil, 2017, p. 7).

Devido a prevalência de laços e origens familiares entre a maioria dos moradores das Comunidades, nos Quilombos as tradições, culturas e a valorização à história de luta e conquistas do passado que ainda ecoam no presente são incentivadas e estimadas pelas lideranças, moradores mais antigos (idosos e anciãos) e representantes de famílias das comunidades.

Como enfatizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA):

[...] uma **comunidade quilombola** precisa ter a presunção da ancestralidade negra, mesmo que alguns membros incluídos ao grupo ao longo de sua história apresentem outras ancestralidades, e apresentar um histórico de resistência coletiva a opressão sofrida, desde o período escravagista até a atualidade, uma vez que tal opressão não deixou de ser operante nos dias atuais, tanto da parte da sociedade como do Estado. (Brasil, 2017, p. 5).

Como Silva (2020) discorre: Há ainda muitos desafios, como o preconceito e o desconhecimento de comunidades como territórios quilombolas, por essa razão muitas conquistas dos quilombolas existem por meio do empenho de cada membro da comunidade, que trabalham em unidade por causas comunitárias.

É importante sublinhar que o preconceito e a discriminação, são violações que permanecem no contemporâneo e trazem a necessidade de enfrentamento constante para o rompimento dessas violações e desconsiderações que têm raízes nas violências do passado e se fortalecem com a falta de ações eficazes no combate a essas violações.

Conforme o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a palavra quilombo aparece como uma “categoria jurídica” na Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988 objetivando garantir direito de posse permanente de terras/territórios das comunidade quilombolas (Brasil, 2017, p. 4).

De tal modo, a partir da Constituição Federal de 1988 (CF/88) foram estabelecidos importantes direitos “às comunidades negras rurais dotadas de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, bem como ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata.” (Brasil, 2017, p. 4).

Assim sendo, foi por intermédio da promulgação da Constituição Federal de 1988 que as garantias dos direitos das Comunidades Remanescentes dos Quilombos foram verificadas como direitos, e em seu Artigo 68 aborda-se a garantia dos títulos de propriedades, dando-se continuidade à trajetória de lutas por direitos, acrescentando-se as lutas na busca pela real efetivação de direitos nos diferentes âmbitos da legislação brasileira.

Já no âmbito educacional, uma das maiores conquistas é a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, sejam públicas ou privadas.

Uma outra importante conquista foi a garantia ao direito à Educação dos quilombolas consolidada a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola, de forma que a Educação Quilombola tornou-se uma modalidade de ensino. Assim, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, no artigo 41:

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural. (Brasil, 2013, p. 74).

Por conseguinte, é importante verificar que a capacitação docente, orientada à realidade quilombola, é um desafio a ser superado na Educação oferecida aos alunos das Comunidades Quilombolas, visto que existem lacunas na Educação que ainda precisam ser preenchidas e corrigidas como as ausências de uma escola na comunidade e de formação qualificada, dedicadas à valorização cultural por meio de

ensino contextualizado, que fortaleça autonomia, conhecimentos histórico, cultural, social e comunitário visto que as comunidades precisam de uma educação “que seja instrumento de luta para o fortalecimento do povo com suas especificidades” (Silva, 2020). Além disso:

É preciso também reconhecer que estudantes quilombolas, principalmente aqueles que estudam nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, frequentam escolas públicas e privadas fora das suas comunidades de origem. Nesse sentido, a Educação Escolar Quilombola possui abrangência maior. Além de focalizar a realidade de escolas enraizadas em territórios quilombolas e no seu entorno, ela se preocupa com a inserção dos conhecimentos sobre a realidade dos quilombos no Brasil em todas as escolas da Educação Básica. (Brasil, 2011, p. 28).

Por essa razão, de acordo com o que Brasil (2011) analisa a respeito dos contextos educacionais dos quilombolas, a presença de escolas situadas nas Comunidades Quilombolas não é garantia para “que o ensino por ela ministrado, seu currículo e Projeto Político-Pedagógico dialoguem com a realidade quilombola local nem tampouco que tenha conhecimento dos avanços e dos desafios da luta antirracista e dos povos quilombolas no Brasil.” (Brasil, 2011, p. 28).

Pelo que foi mencionado neste subcapítulo, as conquistas existem, mais dividem sua existência com muitos desafios e lacunas direcionados à Educação Quilombola, bem como, às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQ).

2.1.1 Comunidade Quilombola Tucumandeuá – A minha comunidade

A Comunidade Quilombola Tucumandeuá, o Quilombo Tucumandeuá ou Comunidade Nova Regeneração, como também é conhecida pelos seus moradores, é uma terra repleta de riquezas naturais, históricas e culturais e está localizada em Tomé-Açu, um dos municípios do estado do Pará (PA).

O nome Tucumandeuá tem origem pela relação estabelecida pela abundância de tucumazeiros – as árvores de Tucumã, designação que segundo os moradores mais antigos e conhecedores da história do Quilombo Tucumandeuá foi formada por percepções de “pessoas que vieram com os portugueses”² para a região.

O conhecimento dos moradores sobre origens, história, tradições, cultivo, etc. são passados de geração para geração e hoje são registrados por meio de estudos

² Dados coletados pela pesquisa de campo. Informações fornecidas pela Secretaria da Comunidade em registros de entrevistas realizadas com moradores do Quilombo Tucumandeuá.

realizados na comunidade, por iniciativa de representantes, residentes, empresas e cooperados da comunidade.

Retornando ao que é pontuado por Brasil (2017), devido a autonomia de cada pessoa e as modificações nas formas tradicionais sofridas com o passar dos anos, as tradições das comunidades remanescentes não são impostas e nem relacionadas com submissões, obrigações e estagnações.

Por conseguinte, embora a história, a cultura, as tradições sejam amplamente valorizadas pelos membros da comunidade, ao longo dos anos houveram alguma transformações em relação as tradições como as mudanças nas crenças e deslocamento de moradores para a cidade, assim, na Comunidade existem duas igrejas “a Pentecostal e a Assembleia de Deus (Nova Regeneração [que tem “um dos nomes da comunidade”]) e as histórias lendárias viventes são sobre o Boto e a Matinta Pereira (ECQ, 2023).

Figura 1 – Igreja Nova Regeneração



Fonte: Pesquisa de Campo (2024)

Conforme o exposto, a valorização à história, ao acolhimento, às conquistas, aos ancestrais, e às tradições (ancestrais, regionais, “novas”) permanecem. E estabelecem a conservação da comunidade como lugar de moradia, trabalho, lazer

e desenvolvimento, o que é aludido a seguir, nas falas de moradores do Tucumandeua:

“O que tem aqui que atrai é até a lembrança do meu pai, a lembrança de minha mãe, dos meus avós que nasceram aqui [...]”.
Aqui a gente leva uma vida muito boa, cultivando aqui o açaí, a mandioca, “a farinha”, o cupuaçu, o cacau [...]. (Pesquisa de campo³, 2024).

Sendo importante frisar que a história e outros contextos da Comunidade passaram a ser de interesse de conhecimento acadêmico e científico, tendo-se entre as motivações, o fato de que na Comunidade estão se formando diferentes profissionais em áreas da Educação, Saúde, etc. Desse modo, a origem da Comunidade é apresentada em um Estudo de Componente Quilombola (ECQ)⁴, como mencionado a seguir:

Segundo os moradores, a formação da comunidade foi iniciada pelos negros escravizados que trabalhavam nas fazendas da região. Eles desceram o Igarapé Tucumandeua em busca da liberdade, resistiram e formaram as vilas. Uma pessoa considerada importante para a formação da comunidade é Maria Bárbara, que se casou com o português Antônio de Almeida, conhecido como Xingó. Além dela, Benedita da Conceição, Dona Bitá, como era conhecida, também possui destaque. (ECQ, 2023, p. 17).

Na Comunidade, os recursos naturais são utilizados tanto para o consumo local, como para a geração de renda por meio da comercialização desses produtos naturais, dentre as “plantas e árvores da comunidade”, abrangendo-se plantios, hortas e as diferentes “espécies nativas na região”, tem-se os cajuas (cajus do mato), os frutos do cacau (cacau), os frutos dos açaizeiros (açaí), as pupunheiras (árvores/palmeiras que produzem a pupunha), as bacabeiras (palmeiras/pés de bacabi), as plantas de babosa, o cupuaçu, a mandioca, a andiroba, “o araticum, a embira-surucucu, a chicória, a inajá e outras” (ECQ, 2023, p. 14). . É importante destacar que:

Os produtos são comercializados no Distrito de Quatro Bocas. As amêndoas de cacau e os frutos sexos da pimenta-do-reino são negociados com atravessadores. A produção de laranja de alguns quintais produtivos também é negociada no distrito. O produto é escoado pelos moradores

³ Trechos de entrevistas, direcionadas aos moradores do Quilombo Tucumandeua, coletadas pela Secretaria da Comunidade.

⁴ “O ECQ é um documento que faz parte do processo de Licenciamento Ambiental específico para empreendimentos presentes no território quilombola.” (ECQ, 2023, p. 5).

utilizando motocicletas, carros particulares ou transporte coletivo. (ECQ, 2023, p. 20).

Na figura seguinte é demonstrado uma das plantas e frutos da comunidade que são utilizados para consumo local e comercialização.

Figura 2 – Plantio de cacau



Fonte: Pesquisa de Campo (2024)

Já o destino da produção e a própria comercialização de açaí e farinha (figura 3) são voltadas em destino maior, aos moradores da Comunidade, ambos comercializados em estado de alimento já preparados para o consumo.

Figura 3 – “Casa de farinha”



Fonte: Pesquisa de Campo (2024)

As plantas também são utilizadas como remédios caseiros, de forma que:

Tradicionalmente, as plantas locais têm uso doméstico e também [são aproveitadas] no tratamento de algumas doenças, como é o caso da pupunha: o caule é empregado em construções rústicas; a palha é usada para cobrir construções e artesanato; o fruto, depois de 30 a 60 minutos em cozimento com sal na panela de pressão, pode ser consumido; e o óleo é usado com [finalidades medicinais] remédio para dores de ouvido e garganta. (ECQ, 2023, p. 14).

Quanto aos animais, há algumas espécies em ameaça ou já em extinção, que ainda eram presentes em tempos antigos, mas que com o passar dos anos acabaram estando como animais raros na região, como as araras, os mutuns e a cigana (ECQ, 2023). Já os peixes, a pesca, são comuns em rios e igarapés acessíveis à comunidade (ECQ, 2023).

Os moradores da Comunidade ainda praticam atividade de caça, como a caça de tatus, pacas, mutum, rãs, etc. E os animais presentes em criações são as galinhas, patos, porcos e peixes.

Os animais também fornecem recursos que são utilizados no tratamento de doenças, como:

A banha de mucura, da traíra-preta, da jiboia e da galinha é empregada no tratamento de inchaços. A banha da galinha, quando mistura com andiroba,

também é utilizada no tratamento da tosse e da moleira. A banha do tatu serve para picada de animais. (ECQ, 2023, p. 16).

Aproximando-se da conclusão deste subcapítulo, que apresentou dados sobre a Comunidade, coletados pela investigação em campo, destaca-se ainda: A comunidade conta com uma Associação de Moradores e Produtores Quilombolas oficializada no ano de 2012 no dia 29 de setembro, a qual conquistou a Certidão de Autorreconhecimento da Comunidade, que recebe importantes apoios, mas que atua principalmente por iniciativa, ações e projetos da próprios da Comunidade (ECQ, 2023).

A Comunidade já possuiu uma escola no seu espaço, chamada de Escola Municipal Nova Regeneração, porém, foi desativada no ano de 2013. Nesse sentido, uma outra questão é que:

Para acessar o Ensino Médio, os alunos precisam ser matriculados na Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Brasil, na sede Tomé-Açu. O deslocamento é feito de ônibus escolar municipal. A escola ainda não implementou as Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola, porém realiza atividades pontuais relacionada à cultura afro-brasileira e identidade quilombola (ECQ, 2023, p. 17).

Recapitulando, essa é uma situação citada no subcapítulo 2.1 deste trabalho, onde de acordo com Brasil (2011) a Educação Escolar Quilombola não se estende somente aos quilombolas, ela precisa fazer parte do contexto educacional de todos, visto que os alunos que cursam o Ensino Fundamental maior e o Ensino Médio (EM) estudam em escolas externas as suas Comunidades.

Baseando-se nas informações resultantes das pesquisas de campo e bibliográficas, embora a Comunidade Quilombola Tucumandeuca tenha inúmeras conquistas existem ainda muitos desafios a serem enfrentados, como lacunas na infraestrutura, nos serviços de saúde, saneamento básico, água, acesso a comunicação por internet ou sinal telefônico, e educação.

Neste capítulo foram apresentados dados sobre as Comunidades dos quilombolas, seus direitos, suas lutas, suas conquistas e culturas. Desse modo, as informações apresentadas são parte da minha história, são presentes e vivas em meu contexto de formação social, educacional e acadêmica.

Reconheço cada conquista mencionada, cada cultura, cada história como minha. Hoje, não somente (embora importante) como moradora da Comunidade,

mas como uma aluna/mulher que iniciou seus estudos em uma Comunidade Quilombola e precisou se distanciar e pausar para conseguir concluir cada etapa.

Portanto, essa cultura, esses direitos, são direitos de meus avós, de minha família, de minha Comunidade, de meu povo. A Comunidade Tucumandeua é uma de muitas das comunidades remanescentes quilombolas, resultado de resistências, de lutas e sofrimentos e opressões que ainda têm raízes que permanecem, mesmo que de formas “mascaradas”.

3 VOZES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TUCUMANDEUA

Durante a minha formação, social, cultural, acadêmica e reconhecimento do mundo, da minha história, dos meus sonhos, das minhas lutas e desafios como mulher, quilombola, mãe e estudante, recebi incentivos, conselhos e auxílios acompanhados de palavras que impulsionaram a busca de mudanças.

Como o sonho de cursar uma Universidade, de ter formação de nível superior, de apresentar e defender as questões da Educação Quilombola, da minha Comunidade, família/povo. E esses conselhos partiram de pessoas da Comunidade, da minha família.

Então, em reconhecimento a Comunidade Quilombola Tucumandeuca, aos seus moradores, seus chefes de famílias e representantes, este capítulo abre espaço para algumas da “Vozes de minha comunidade” sobre a realidade da Educação Quilombola da Comunidade Tucumandeuca.

Para a exposição dos dados em apresentação foram realizadas entrevistas com quilombolas da Comunidade Tucumandeuca. As entrevistas foram acontecidas por meio da resolução de um questionário (Apêndice A – Questionário), que foi impresso e preenchido a partir da fala dos residentes da Comunidade.

O objetivo da aplicação dos questionários foi responder à reflexões brotadas nos primeiros escritos deste trabalho e atender a outras demandas da pesquisa, como o cumprimento dos objetivos, com focos como: a exposição dos desafios enfrentados pelos moradores do quilombo Tucumandeuca, para buscarem formação acadêmica.

Nesse sentido, participaram da pesquisa/entrevista 5 pessoas da Comunidade e as primeiras questões correspondiam a idade e grau de escolaridade, como verificado nos quadros a seguir:

Quadro 1 – Faixas Etárias

Pergunta	Respostas
Qual a sua idade?	<p>Quilombola 1: 32 anos.</p> <p>Quilombola 2: 60 anos.</p> <p>Quilombola 3: 66 anos.</p> <p>Quilombola 4: 62 anos.</p> <p>Quilombola 5: 31 anos.</p>

Fonte: A autora. Pesquisa de campo (2024)

Quadro 2 – Grau de escolaridade

Pergunta	Respostas
Qual o seu grau de escolaridade?	<p>Quilombola 1: Ensino Médio Completo.</p> <p>Quilombola 2: Analfabeto.</p> <p>Quilombola 3: 3ª Série do Ensino fundamental.</p> <p>Quilombola 4: Estou cursando 2ª Etapa do EJA.</p> <p>Quilombola 5: Ensino Médio incompleto.</p>

Fonte: A autora. Pesquisa de campo (2024)

Outra questão considerada relevante foi o tempo de moradia na Comunidade, e identificou-se que todos os participantes moram na Comunidade Quilombola Tucumandeua desde o nascimento.

Quadro 3 – Tempo de moradia

Pergunta	Respostas
Há quanto tempo você mora na comunidade de Tucumandeua?	<p>Quilombola 1: Nascida e criada na comunidade.</p> <p>Quilombola 2: 60 anos.</p> <p>Quilombola 3: 66 anos.</p> <p>Quilombola 4: 62 anos.</p> <p>Quilombola 5: 31 anos.</p>

Fonte: A autora. Pesquisa de campo (2024)

Uma outra pergunta, dedicou-se a exposição de atividades que são importantes dentro da Comunidade. Os resultados deste questionamento tendem ao que foi tratado em subcapítulos anteriores: a prevalência de laços e origens semelhantes/familiares dos residentes moradores das comunidades remanescentes, além das questões das tradições que vem recebendo novas influências.

Quadro 4 – Atividades da Comunidade

Pergunta	Respostas
Cite uma atividade, costume, reunião ou local da comunidade quilombola do Tucumandeua que seja importante para você, sua família e/ou moradores:	<p>Quilombola 1: As reuniões com a família, as festas de tradições realizadas e as atividades diversas da comunidade.</p> <p>Quilombola 2: Em reunião com a família na comunidade.</p> <p>Quilombola 3: Escola Bíblica Dominical na Comunidade. Com a família.</p> <p>Quilombola 4: Reunião com a família.</p>

	Quilombola 5: As reuniões com a família na Comunidade.
--	---

Fonte: A autora. Pesquisa de campo (2024)

Quadro 5 – Conhecimento sobre formação universitária de membros da Comunidade

Pergunta	Respostas
Você conhece algum membro da comunidade de Tucumandeuá que estude ou tenha formação universitária?	<p>Quilombola 1: Sim, inclusive um de nossos familiares está estudando medicina.</p> <p>Quilombola 2: Sim.</p> <p>Quilombola 3: Sim.</p> <p>Quilombola 4: Sim.</p> <p>Quilombola 5: Sim.</p>

Fonte: A autora. Pesquisa de campo (2024)

As respostas da questão número 5, demonstram que existem pessoas da comunidade que estão cursando o Ensino Superior. E mesmo com os desafios de carências em infraestrutura, nossos moradores têm buscado prosseguir os estudos, chegando ao Ensino Superior. Como citado na resposta Quilombola 1, há um de nossos familiares que foi aprovado no curso de Medicina e isso repercutiu positivamente em nossa comunidade, sendo um exemplo para nossos estudantes e gerações.

Nesse seguimento, nossas comunidades são resultantes de lutas, da mesma forma: nossos direitos, reconhecimentos e presente. Recapitulando questões de passagens anteriores a esse subcapítulo: o acesso à educação ainda é repleto de desafios e como demonstrado no quadro 6 essas dificuldades são antigas.

Quadro 6 – Desafios estudantis

Pergunta	Respostas
Qual foi seu maior desafio como estudante morando no Ramal Tucumandeuá?	<p>Quilombola 1: Falta de transporte público, estradas precárias, falta de infraestrutura, de energia elétrica... Tudo isso prejudica o aprendizado dos estudantes.</p> <p>Quilombola 2: Não tinha professor e nem transporte.</p> <p>Quilombola 3: Não tinha material escolar. Ex.: caderno, uniforme, etc.</p> <p>Quilombola 4: Não tinha transporte escolar e nem uma escola na Comunidade para dar</p>

	<p>assistência na Comunidade.</p> <p>Quilombola 5: Andar 2 km para pegar um transporte para chegar até uma escola.</p>
--	---

Fonte: A autora. Pesquisa de campo (2024)

Este capítulo encerra-se com as opiniões de Vozes da Comunidade acerca de melhorias na Educação da Comunidade Quilombola Tucumandeuá:

Quadro 7 – Opiniões sobre Educação

Pergunta	Respostas
<p>Na sua opinião o que melhoraria a educação em nossa comunidade?</p>	<p>Quilombola 1: Uma escola dentro da Comunidade, para o desenvolvimento das crianças, para receber uma educação que integre sua Comunidade e terras culturais. Brincando, experimentando, conversando e observando aos demais (crianças e adultos).</p> <p>Quilombola 2: Uma escola na Comunidade.</p> <p>Quilombola 3: Uma escola e um telefone público para as informações.</p> <p>Quilombola 4: Uma escola dentro da nossa comunidade.</p> <p>Quilombola 5: Uma escola.</p>

Fonte: A autora. Pesquisa de campo (2024)

Como observou-se, a ausência de uma escola na comunidade e as dificuldades de acesso a informações é apontada como uma carência, um desafio a Comunidade e um sonho, uma melhoria a ser restabelecida na Comunidade, visto que a Comunidade Tucumandeuá já contou com uma escola que funcionava de forma ainda que precária, mas atendia aos moradores.

4 MINHA HISTÓRIA: EM BUSCA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Sei que deveria principalmente “[...] contar o que fui, o que foi; explicar o passado. Mas, antes de explicar o passado, é preciso explicar o presente” (Soares, 2001, p. 21). A partir desse significado: me reconheço como/sou uma mulher: quilombola, mãe, trabalhadora, profissional autônoma, secretária do Quilombo Tucumandeuá, professora em formação, e concluinte do curso de Pedagogia da UFPA.

Da mesma forma, interpreto que minha autobiografia, da busca pela formação acadêmica, não poderia ter sido relatada sem dar espaço/voz aos membros da Comunidade Quilombola de Tucumandeuá, sem apresentar seus desafios, suas opiniões, sua terra, cultura, e tantos outros assuntos já apresentados, almejando-se também o cumprimento dos objetivos do trabalho e problemas apresentados na formulação da pesquisa. Pois, a minha trajetória de vida abrangendo-se, sobretudo, a formação acadêmica, não foi acontecida por desafios completamente individuais. Considerando-se ainda que:

[...] a educação está diretamente ligada a cultura, e ao meio social do indivíduo, sendo o conhecimento passado de geração em geração, por meio da cultura adquirida no grupo familiar. Portanto, a missão da educação é transformar os sujeitos e capacitá-los para viver em sociedade [...]. (Brandão, 1981, p. 10).

Assim prossigo minha autobiografia, o relato de minha trajetória acadêmica, a partir de memórias que hoje têm significado a minha vida e as minhas decisões acadêmicas, investigativas e meu futuro profissional.

Meu nome é Regiane Caldeira dos Santos, sou afro-descendente, mãe de um filho, e estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, nasci no dia 29 de novembro de 1993 na Comunidade Nova Regeneração, Ramal Tucumandeuá, no Município de Tomé-Açu/ Pará, fui registrada e criada por meus avós maternos.

Sobre a escolaridade dos meus avós: o meu avô estudou somente até a 1ª Série do Ensino Fundamental e a minha avó não aprendeu a ler e escrever, apenas iniciou os estudos em uma escola que funcionava por iniciativa de moradores da Comunidade, já o meu avô somente aprendeu a ler e escrever porque o seu pai se

dedicava a ensinar pessoas da comunidade, mesmo não possuindo formação acadêmica alguma.

Embora meus avós não tenham tido oportunidades de prosseguirem com os estudos, não mediram esforços para que minha vida acadêmica fosse diferente. De maneira que minha vida estudantil iniciou-se no ano de 1998 na antiga escola da Comunidade Tucumandeua, denominada de: Escola Municipal Nova Regeneração, quando eu tinha 5 anos de idade.

No parágrafo acima utilizo a expressão “vida estudantil” ligada a palavra início, pois há algum tempo, como resultado de minha formação acadêmica no Ensino Superior, compreendo a educação como uma atividade social que é iniciada antes do ingresso às instituições escolares, fazendo-se parte e/ou relacionando-se a formação humana, ambas sendo um “processo contínuo”, de modo que: “a educação antecede a escola, acontece nas comunidades da vida para cultivar a liberdade criadora do existir.” (Reis, 2022, p. 10).

A escola Nova Regeneração (figura 4) era construída em madeira, possuía apenas uma sala de aula e a cozinha. Havia apenas uma professora que dava aulas para as turmas em regime de multissérie. A professora não era formada em magistério e tinha apenas o Ensino Fundamental. Estudei nessa escola desde a Educação Infantil até a quarta série do Ensino Fundamental.

Figura 4 – Escola Nova Regeneração



Fonte: Wagner Nunes Firmino (ECQ, 2023).

Quando fui aprovada para cursar a 5ª série do Ensino Fundamental, meus avós, devido à dificuldade de ir estudar em Tomé-Açu, me enviaram para estudar na cidade de Castanhal, onde, passei a morar com meu tio e trabalhar em casa de família.

Nesse período, fiz um curso de manicure e devido, as péssimas condições de trabalho, decidi retornar para a minha Comunidade, onde passei a trabalhar de forma autônoma. Estudei na cidade de Castanhal a quinta e a sexta série e retornei para o município de Tomé-Açu. É preciso pontuar que não foi e não é uma trajetória perfeita, “um desenvolvimento cumulativo [...] um risco harmonioso... há cortes bruscos de linhas que de repente se interrompem” (Soares, 2001, p. 65).

Ao retornar para o município de Tomé-Açu, fui matriculada na Escola Anthódio Barbosa onde cursei a 3ª e 4ª etapa da educação de jovens e adultos. O caminho da escola era constituído em duas partes, a primeira parte (3 km) era feita a pés, a segunda parte era feita no transporte escolar que transportavam os alunos que moravam no espaço rural para cursar o ensino fundamental e médio na cidade. Devido a minha gravidez eu fiquei dois anos sem estudar.

Retornei à escola no ano de 2009 para cursar o Ensino Médio na Escola Estadual Antônio Brasil. Devido a necessidade de trabalhar para manter meu filho tive que ir trabalhar e passei a estudar á noite. Durante o Ensino Médio, a comunidade onde eu morava foi atendida com o transporte escolar, o que facilitou a vida estudantil e me permitiu estudar a noite.

Entretanto, as “idas e vindas” para as escolas foram outros desafios a serem ultrapassados em minha trajetória, “idas e vindas” que me auxiliaram a chegar até aqui, mas que naqueles dias resultaram em alguns momentos de cansaço e desmotivação nos estudos, ocultar isso seria negar minha história e a realidade de muitos estudantes quilombolas, como já esclarecido: o caminho não foi perfeito.

No ano de 2018 fui aprovada em Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio do Processo Seletivo Especial (PSE) para os quilombolas, em regime intervalar, no Polo universitário de Tomé-Açu (Figura 5). Eu fui a primeira pessoa da nossa Comunidade a ingressar em uma Universidade. Devido ao meu trabalho e a necessidade de estudar tive que me mudar para a cidade, onde moro atualmente em uma casa alugada.

Figura 5 – Polo universitário da UFPA em Tomé-Açu



Disponível em: https://web.facebook.com/prefeitura.Ta/posts/tom%C3%A9-a%C3%A7u-ganhou-o-novo-polo-da-universidade-federal-do-par%C3%A1-ufpa/215146498573768/?locale=pt_BR&_rdc=1&_rdr. Acesso em: 5 jun. 2024.

Ao expor parte do meu passado, coloco em citação as afirmações de Soares (2001, p. 41), pois são próximas as explicações de minhas ponderações enquanto escrevo:

Conto o passado – o passado de que foi contemporânea aquela que fui – conhecendo-lhe o futuro; portanto, na verdade, reconstruo-o em função desse futuro, que é meu presente de hoje. Não propriamente em função ponto de chegada (não “cheguei” ainda, bem o sei), mas em função do ponto em que agora estou.

Revedo minha trajetória, percebo que foi um grande desafio chegar até aqui, foi um verdadeiro e longo processo de resistência (de uma mulher quilombola, mãe, estudante, etc.). E ao contextualizar com a realidade atual, percebo que a Educação no Campo, em especial a Educação Quilombola avançou significativamente, no plano legal, houve a criação de várias leis que garantem aos povos tradicionais o direito a uma educação peculiar ao seu modo de vida.

Porém, é notório que o avanço no campo legislativo nem sempre representa a melhoria no âmbito educacional, a exemplo, cita-se o processo de nucleação das escolas do campo, “a qual tem funcionado praticamente como sinônimo de fechamento das escolas.” (Rodrigues *et al.*, 2017, p. 710).

Na comunidade onde morava, esse processo foi realizado pela Secretaria Municipal de Tomé-Açu, ocorrido no ano de 2014, que não levou em consideração as peculiaridades e direitos da comunidade quilombola do Tucumandeuá, ocasionando o fechamento da escola local e o remanejamento dos alunos para a escola Antonieta Paiva Maciel. A partir da nucleação da escola, a comunidade passou a receber a oferta do transporte escolar nos períodos da manhã, tarde e noite.

4.1 A minha história a partir da aprovação no PSE - Quilombolas

Em 2018 fui a primeira pessoa a passar pelo PSE na Comunidade Quilombola de Tucumandeuá para cursar o curso de pedagogia e por isso recebi muitas palavras de incentivo de membros da Comunidade, família e amigos. A seguir destaco alguns nomes e frases que recebi com a aprovação para cursar Pedagogia na Universidade Federal do Pará, visto que em nossa Comunidade, família quilombola, somos ensinados a valorizar e exteriorizar reconhecimento à família, às tradições, às histórias, às conquistas de nosso povo: Pedro Ratis dos Santos (meu avô), Renata Duarte Santos (minha irmã), Duda da Conceição e Rosivaldo Ramos (amigos), Lailson e Aldaete Malcher (meus primos).

Essas figuras importantes na minha vida, me deram muitos conselhos para enfrentar a formação acadêmica, meu avô dizia que “o futuro pode nos dar o que quisermos. Que se esperamos tempo suficiente, o futuro irá criar o que queremos.”. As misturas de outros conselhos/falas que foram escutadas e apreciadas como incentivos, foram: “Tenha certeza de que você pode fazer. Seu esforço sempre vale a pena.”. “A vida é cheia de altos e baixos, mas, estou aqui para segurar sua mão e te lembrar de como você é incrível.”. “Eu acredito em você, você tem um futuro brilhante pela frente.”. “Estou aqui para o que precisar, eu acredito em você e estarei ao seu lado a cada passo do caminho. “Parabéns para seus passos...”.

A escolha da área de formação no Ensino Superior parte da possibilidade de contribuir com a melhoria da Educação, mas, também da necessidade de uma busca por continuação de formação acadêmica, a possibilidade de ter uma profissão que me permite-se ter qualidade de vida e poder orgulhar meu avós que se esforçaram para que os meus estudos e oportunidades fossem além. Dessa forma, como pedagoga percebi que poderia me tornar agente de mudança no Sistema

Educacional, buscando formas mais efetivas e inclusivas de ensino, bem como poderia ser um agente de mudança em minha vida e na vida de minha família e Comunidade.

A possibilidade de estudar no município em que nasci, o município de Tomé-Açu, foi excelente, visto que ainda no Ensino Fundamental houve-se a necessidade de estudar em outra cidade e com isso, precisei ficar longe de minha Comunidade, da minha família, dos meus amigos, dos meus momentos de lazer, etc. E que embora faça parte de minha trajetória, estudar distante de minha base familiar e social foi desafiador.

Durante o curso de Pedagogia, na disciplina prática pedagógica, ministrada pela professora Vilma, estudamos a temática desigualdade social, conhecimentos de ribeirinhos e quilombolas, nessa ocasião levamos para a sala de aula vários materiais: tipiti, alguidar, etc.

Outra disciplina muito importante foi Sociedade de Trabalho e Educação, ministrada pelo professor João Paulo da C. Alves, com essa disciplina aprendi e meditei muito sobre a realidade da minha comunidade, sobre buscar melhorias e olhar diferente pela Comunidade e pessoas. O sujeito precisa aprender a produzir sua própria existência isso é processo educativo.

Na disciplina do professor Jadson Gonçalves, em 2020, ele perguntou se eu habitava em alguma comunidade e afirmei que era de uma Comunidade Quilombola. Essa figura docente, sempre me incentivou para trabalhar em buscas de materiais e dados da Comunidade para o Trabalho de Conclusão de Curso, então, coletei e confiei que poderia por meio dos olhares dentro da Comunidade, tratar, divulgar e defender a Educação Quilombola.

Em suma, acrescento que me reconheço habitando na Comunidade Quilombola, tenho origem em comum dos remanescentes de quilombos, das mulheres quilombolas e tenho identificação histórica com os costumes e com o território. Nesse sentido, na minha trajetória em busca da formação acadêmica e continuidade do meu desenvolvimento pessoal, social, físico, intelectual tiveram muitos desafios, semelhantes aos de outros moradores/alunos e mulheres da comunidade.

Sendo assim, os desafios da minha história, as “idas e vindas” em transportes públicos para chegar a uma escola e tantos outros desafios são comuns aos quilombolas e/ou às pessoas identificadas como “minorias” na sociedade, visto que

somos um grupo historicamente constituídos pelas lutas e pelas conquistas de reconhecimento e identidade, afirmo isso como membro desse grupo.

5 CONCLUSÃO

Esta narrativa autobiográfica, de uma mulher: quilombola da Comunidade Tucumandeuá, mãe, profissional autônoma e universitária em busca de uma importante realização acadêmica (a formação no Ensino Superior), versou uma “história de vida” fundamentando-se em referências coletadas em pesquisa bibliográfica e busca de dados sobre o Quilombo Tucumandeuá obtidos por meio de pesquisa de campo.

Já nos primeiros planos e rascunhos que originariam este Trabalho de Conclusão de Curso, verificou-se que a minha história de vida não era resultante de lutas de todo individuais e o amadurecimento dos escritos e planos que tornaram-se execuções, as ações guiadas pelo intuito do alcance dos objetivos e problemas de pesquisa foram confirmando essa observação.

Mediante o exposto, por intermédio da minha história de vida, história quilombola, de memórias, estudo e reflexões da Educação Quilombola, história de busca de um importante passo de formação acadêmica e desenvolvimento pessoal, analisou-se sobre a importância da Educação Quilombola, como um direito conquistado, e os desafios propostos aos quilombolas para alcançarem todos os níveis da educação brasileira.

Nesse sentido apresentou-se os desafios enfrentados na trajetória de vida da mulher quilombola, pois como observado nos escritos posteriores deste trabalho, a minha história e os desafios enfrentados em trajetória formativa são desafios compartilhados e comuns ao povo quilombola, às mulheres quilombolas e aos estudantes que carecem que as políticas públicas, direitos sejam efetivados.

Dessa forma também discutiu-se a resistência na formação acadêmica da mulher quilombola, visto que a busca pelo desenvolvimento acadêmico não foi uma “linha perfeita”, um caminho sem pausas sem lacunas. Desta mulher quilombola que ao longo de sua formação foi se tornando mãe, profissional autônoma, secretária da Comunidade, entre outras mudanças e conquistas.

Assim, neste trabalho que defendeu-se a formação acadêmica como um processo contínuo e que a trajetória estudantil e/ou acadêmica difere-se da formação educacional quando analisa-se o início de cada uma delas, observou-se que minha busca pela formação acadêmica principiou-se na Escola Municipal Nova Regeneração da Comunidade Quilombola de Tucumandeuá, e foi continuada em

outras escolas, para, então, obter-se o alcance do Ensino Superior na Universidade Federal do Pará (UFPA), nível ao qual pretende-se superar com a conclusão da graduação e prosseguir com formação continuada. Já a minha formação educacional iniciou-se nos contextos e espaços (muitos deles apresentados neste Trabalho de Conclusão de Curso) da Comunidade Quilombola de Tucumandeuá.

Concluindo-se que embora as comunidades tenham inúmeras conquistas existem ainda muitos desafios a serem enfrentados, como lacunas no acesso e investimentos em serviços fundamentais, que inclusive são direitos sociais, como: saúde, saneamento básico, água e Educação Escolar Quilombola. Desafios que confirmam que os contextos dos quilombolas e das Comunidades remanescentes devem ser conhecidos/sabidos pela sociedade, visto que ainda são desprezados e precisam de inúmeras ações e cooperações para uma real efetivação.

Portanto, verificou-se que o avanço no campo legislativo nem sempre garante a melhoria nas realidade das Comunidades Quilombolas, tanto nas áreas sociais básicas quanto no âmbito educacional, visto que o fechamento de escolas em Comunidades é uma situação a ser repensada, considerando-se direitos, reconhecimentos e a história do povos quilombolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional De Educação. **Texto - referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, 2011.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Parecer nº 16, de 05 de junho de 2012**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília (DF).

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Quilombolas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/quilombolas>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Regularização de Território Quilombola**. INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/perguntas_respostas.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Aprendizagem histórica**: narrativas autobiográficas como dispositivos de formação. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 93-105, abr./jun. 2016.

ECQ Versão Resumida: Comunidade Quilombola Tucumandeua. Hydro: Ecology Brasil, 2022.

FRAGA, Érica. **Trajetória acadêmica de negras é marcada pela superação de preconceitos**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/trajetoria-academica-e-marcada-pela-superacao-de-preconceitos.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PORFÍRIO, Francisco. **Minorias**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/minorias.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

REIS, Ana Cecília Antunes dos. **A importância da educação infantil para o processo de formação humana**. Orientadora: Ma. Norma Aparecida Cardoso, 2022, 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (dissertação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.

RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva *et al.* Nucleação de Escolas no Campo: conflitos entre formação e desenraizamento. **Educação e Realidade**, v. 42, n. 2, p. 707-728, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Daniel Neves. Quilombos. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/quilombos.htm>. Acesso em: 12 maio. 2024.

SILVA, Edna Inês da; FLORÊNCIO, Roberto Remígio; SANTOS, Carlos Alberto Batista. O movimento de lutas e resistências do povo quilombola de “Poço dos Cavalos”, Em Itacuruba/PE. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 20, p. 137-146, 2020.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez. 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Prezado (a) membro da comunidade quilombola Tucumandeuá, solicitamos a sua colaboração na resolução deste questionário que será utilizado na coleta de dados do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, da discente Regiane Caldeira dos Santos, que tem como assunto: A trajetória de vida de uma mulher da Comunidade Quilombola de Tucumandeuá em busca da formação acadêmica. A sua participação voluntária será fundamental para a compressão de questões sobre a realidade e importância da Educação Quilombola.

1) Qual a sua idade?

- () 18 a 29 anos.
() 30 a 49 anos.
() 50 anos.

2) Qual o seu grau de escolaridade?

- () Ensino Fundamental incompleto.
() Ensino Fundamental completo.
() Ensino Médio incompleto.
() Ensino Médio completo.
() Cursando o Ensino Superior.
() Ensino Superior.

Ano aproximado de início e/ou Conclusão: _____.

3) Há quanto tempo você mora na comunidade de Tucumandeuá?

4) Cite uma atividade, costume, reunião ou local da comunidade quilombola do Tucumandeua que seja importante para você, sua família e/ou moradores:

5) Você conhece algum membro da comunidade de Tucumandeua que estude ou tenha formação universitária?

6) Qual foi seu maior desafio como estudante morando no Ramal Tucumandeua?

7) Na sua opinião o que melhoraria a educação em nossa comunidade?

Obrigada por sua participação!